UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADNMICA DE LETRAS

LICENCIATURA EM LETRAS LPNGUA INGLESA

MARYANA MARTINS GURJűO

PERCEP¤ŭES DE PROFESSORES SOBRE O ENSINO DA PRODU¤úO ORAL EM INGLNS NA EDUCA¤úO BΞSICA

CAMPINA GRANDE

2026

MARYANA MARTINS GURJűO

PERCEP¤ŭES DE PROFESSORES SOBRE O ENSINO DA PRODU¤űO ORAL EM INGLNS NA EDUCA¤űO BΞSICA

Monografia apresentada ao curso de Letras - Lºngua Inglesa, como requisito parcial ¯ conclus² o do curso de Licenciatura em Lºngua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), sob a orienta´² o do Profa. Dra. Neide de F®tima Cesar da Cruz.

CAMPINA GRANDE

2026

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG Sistema de Bibliotecas - SISTEMOTECA
Cataloga´²o de Publica´²o na Fonte. UFCG - Biblioteca Central

G979p Gurj²o, Maryana Martins.
Percep´Þes de professores sobre o ensino da produ´²o oral em ingl¸s na educa´²o b®sica / Maryana Martins Gurj²o. ¯ 2026.
45 f.

Monografia (licenciatura em Letras ¯ L°ngua Inglesa) ¯ Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2026.
`Orienta´²o: Profa. Dra. Neide de F®tima Cesar da Cruz_.
Refer¸ncias.

1. Ensino da L°ngua Inglesa. 2. Produ´²o Oral em Ingl¸s. 3. Educa´²o B®sica. 4. Professores de Ingl¸s. 5. Percep´²o Docente. I. Cruz, Neide de F®tima Cesar da. II. T°tulo.

UFCG/BC CDU 811.11:37.091.3(04)

FICHA CATALOGRÆFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÆRIA MEIRE EMANUELA DA SILVA MELO CRB-15/568

MARYANA MARTINS GURJÃO

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE O ENSINO DA PRODUÇÃO ORAL EM INGLÊS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Monografia apresentada ao curso de Letras - Língua Inglesa, como requisito parcial à conclusão do curso de Licenciatura em Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), sob a orientação do Profa. Dra. Neide de Fátima Cesar da Cruz

Aprovada em 11 de março de 2026

Banca examinadora

gov.br Documento assinado digitalmente
NEIDE DE FATIMA CESAR DA CRUZ
Data: 20/03/2026 13:58:47-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Neide de Fátima Cesar da Cruz

Orientadora - UAL/CH/UFCG

gov.br Documento assinado digitalmente
MARCO ANTONIO MARGARIDO COSTA
Data: 20/03/2026 15:36:17-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Marco Antônio Margarido Costa

Examinador - UAL/CH/UFCG

CAMPINA GRANDE

2026

Dedico a minha famºlia por me apoiar, aos meus pais por me amarem e terem se esfor´ado para investir na minha educa´²o e a mim mesma pelo meu esfor´o.

AGRADECIMENTOS

Neste momento agrade´o a todas as pessoas que conheci e fizeram parte da minha jornada acad¸mica durante esses quase 5 anos. Primeiramente a minha fam°lia: minha irm² e meu pai pelo apoio, e especialmente ¯ minha m² e, que durante press² o e dificuldades onde pensei em desistir, me apoiou e incentivou a erguer a cabe´a e enfrentar, e ressaltou a minha capacidade de conseguir superar os desafios.

Expresso gratid² o aos professores do curso de Licenciatura em Letras L°ngua Inglesa da UFCG, que s² o pessoas inspiradoras e humanizadas, e que contribu°ram para o meu interesse em lingu°stica, literatura e educa´² o. Tamb¶m aos colegas que conheci no per°odo 2021.1, que s² o pessoas admir®veis, fortes e inteligentes, pessoas com quem aprendi bastante, superando obst®culos e evoluindo junto.

Reitero que o Programa de Bolsas de Inicia´² o ¯ Doc¸ncia (PIBID) foi muito importante na minha forma´² o. Foi o momento onde consegui responder diversos questionamentos prÆprios relacionados a carreira profissional e aprimorar minha vis² o em rela´² o ao ensino da L°ngua Inglesa.

Agrade´o tamb¶m aos amigos que fiz durante essa etapa, amigos melhores que poderia pedir e imaginar. S² o pessoas que admiro desde os primeiros semestres! Passamos por momentos diversos momentos que, independentemente de terem sido bons ou ruins, fortaleceram nossos la´os. Obrigada pela presen´a de voc¸s nessa jornada.

Por fim, agrade´o ¯ Profa. Dra. Neide por ter aceitado me orientar, e pela sua orienta´² o segura e objetiva ao longo desse trabalho. Sou grata pela paci¸ncia, contribui´Þes e comprometimento, que foram fundamentais para me manter segura com minha pesquisa. Igualmente ao Prof. Dr. Marco Ant×nio por ter aceitado compor a banca, ressalto tamb¶m sua import°ncia nessa jornada, desde as disciplinas de educa´² o, os est®gios e o PIBID, com sua doc¸ncia serena e reflexiva, com contribui´Þes importantes para a forma´² o de um futuro professor ou professora.

Tudo vale a pena se a alma n² o ¶ pequena.

Fernando Pessoa

RESUMO

Esta pesquisa se constituiu a partir de experi¸ncias pessoais da autora, a aus¸ncia da produ´²o oral nas aulas de L°ngua Inglesa no ensino m¶dio e o interesse na l°ngua apÆs estudar com essa habilidade em uma escola de idiomas, al¶m de observa´Þes no PIBID, devido ao trabalho com a produ´²o oral pela professora supervisora com os alunos. Esta pesquisa tenciona responder duas questÞes: (1) Quais as percep´Þes de professores de L°ngua Inglesa sobre o ensino da Produ´²o Oral (PO) na Educa´²o B®sica?; e (2) Como as percep´Þes desses professores podem ser comparadas? Dois professores participaram da pesquisa. Um deles atua em escola pßblica e o outro em escola privada. A fim de coletar os dados, dois instrumentos foram utilizados: (1) um question®rio com perguntas abertas; e (2) entrevistas semiestruturadas. Os dados coletados foram agrupados em quatro categorias: (1) Import° ncia do ensino da PO; (2) T¶cnicas de ensino da PO; (3) Dificuldades no ensino da PO; e (4) BNCC e a PO. Os resultados revelam que h® mais percep´Þes semelhantes entre os professores. Em rela´²o ¯ primeira categoria, os professores reconhecem a import° ncia de ensinar a PO. Quanto ¯ segunda, os dois professores utilizam t¶cnicas semelhantes de ensino da PO. No que se refere a terceira categoria, os participantes afirmam que o desinteresse dos alunos ¶ a principal dificuldade. A respeito da quarta categoria, ambos concordam que a BNCC ¶ importante para orientar o ensino do ingl¸s. No entanto, apenas o professor da escola pßblica comentou sobre a PO na BNCC.

Palavras-chave: produ´²o oral em ingl¸s; educa´²o b®sica; professores de ingl¸s; percep´Þes.

ABSTRATCT

This research was based on the author's personal experiences, the absence of oral production in high school English classes, and an interest in the language after studying this skill at a language school, as well as observations from the PIBID program, due to the work with oral production carried out by the supervising teacher with the students. This research aims to answer two questions: (1) Which are the perceptions of English Language teachers regarding the Oral Production (OP) teaching in Basic Education?; and (2) How can thease teachers˘ perceptions be compared? Two teachers participated in the research. One works in a public school and the Other in a private shool. In order to collect data, two instruments were used: (1) a questionnaire with open-ended questions; and (2) semi-structured interviews. The collected data were grouped into four categories: (1) Importance of OP teaching; (2) Techniques of OP teaching; (3) Difficulties in OP teaching; (4) BNCC and OP. The results reveal that there are more similar perceptions among the teachers. In relation to the first category, the teachers recognize the importance of OP teaching. Reggarding the second, the two teachers use similar techniques to OP teaching. Concerning the third category, the participants state that the students˘disinterest is the mains difficulty. In Regard to the fourth category, both agree that the BNCC (National Common Curricular Base) is important for guiding English teaching. However, Only the public school teacher commented about on OP in the BNCC.

Key-words: english oral production; basic education; teachers; perceptions.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 13
   2.1 O ENSINO DA PRODUÇÃO ORAL 13
   2.2 O ENSINO DA PRODUÇÃO ORAL EM LÍNGUA INGLESA NO BRASIL 16
3. METODOLOGIA 20
   3.1 PARTICIPANTES 20
   3.2 COLETA DE DADOS 20
4. ANÁLISE 22
   4.1 IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA PRODUÇÃO ORAL 22
   4.2 TÉCNICAS DE ENSINO DA PRODUÇÃO ORAL 23
   4.3 DIFICULDADES NO ENSINO DA PRODUÇÃO ORAL 26
   4.4 BNCC E O ENSINO DA PRODUÇÃO ORAL 29
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 34
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 36

ANEXO 1 38

ANEXO 2 40

ANEXO 3 42

1. INTRODUÇÃO

A produção oral é uma habilidade importante no processo de aprendizagem de uma língua. Segundo Bygate (1987), "a fala é, contudo, uma habilidade que merece atenção assim como outras habilidades, em primeira e em segunda língua"[1] (p. vii). Essa habilidade tende a ser subestimada de diversas maneiras: pelo falar ser visto como improvisado, portanto, fácil e superficial, ou ser uma habilidade garantida simplesmente pela capacidade humana de transformar pensamentos em palavras por meio de sons, entre outras suposições. Além disso, devido à complexidade em se desenvolver a produção oral, ela torna-se um dos meios pelo qual muitos aprendizes adquirem com mais eficiência conhecimento da língua. Portanto, é considerável manifestar que o ensino da produção oral necessita de mais reflexão por parte dos responsáveis pelo processo de educação (Bygate, 1987).

Na Educação Básica brasileira o ensino de Língua Inglesa nas escolas é obrigatório a partir dos anos finais do ensino fundamental e tem como orientação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é o documento que norteia a elaboração dos currículos das escolas. Este documento determina aprendizagens essenciais em cada etapa da Educação Básica, e o ensino da produção oral em Língua Inglesa é discutido no eixo da oralidade, uma competência específica apenas na BNCC do ensino fundamental.

No eixo da oralidade são defendidas práticas de linguagem em situações reais, que envolvem tanto a compreensão oral quanto a produção oral. Na BNCC (2017) é argumentado que essas práticas podem ocorrer por meio da tecnologia, e do contato face a face. No que tange ao contato face a face, a BNCC ilustra que podem ser realizados por meio de entrevistas, diálogos, debates etc. Ainda acrescenta que essas práticas:

> [...] constituem gêneros orais nas quais as características dos textos, dos falantes envolvidos e seus "modos particulares de falar a língua", que, por vezes, marcam suas identidades, devem ser considerados. Itens lexicais e estruturas linguísticas utilizados, pronúncia, entonação e ritmo

[1] Minha tradução de: speaking is, however, a skill which deserves attention every bit as much as literary skills, in both first and second languages (Bygate, 1987, p.vii).

> empregados, por exemplo, acrescidos de estrat¶gias de compreens² o (compreens² o global, espec°fica e detalhada), de acomoda´² o (resolu´² o de conflitos) e de negocia´² o (solicita´² o de esclarecimentos e confirma´Þes, uso de par®frases e exemplifica´² o) constituem aspectos relevantes na configura´² o e na explora´² o dessas pr®ticas (Brasil, 2017, p. 243).

Com base no excerto mencionado, entendemos que a BNCC contextualiza o ensino e a aprendizagem da produ´² o oral interligada ¯ pr®tica de intera´² o social para o desenvolvimento dos diversos atributos que evolvem essa habilidade, como: estrutura lingu°stica, pronßncia, entona´² o e ritmo. Al¶m de valorizar as particularidades dos aprendizes de L°ngua Inglesa ao praticarem a fala e a utiliza´² o de estrat¶gias de comunica´² o no aprendizado.

H® duas razÞes para a motiva´² o dessa pesquisa, relacionadas as minhas experi¸ ncias pessoais e acad¸ micas. A primeira, enquanto aluna do Ensino M¶dio de uma escola privada, onde n² o havia pr®tica da habilidade oral, da qual obtive interesse e maior aprendizado da L°ngua Inglesa ao estudar em uma escola de idiomas que enfatizava o desenvolvimento da fala. A segunda ocorreu durante a participa´² o no Programa Institucional de Bolsas de Inicia´² o ¯ Doc¸ ncia (PIBID) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Ao observar uma turma do ensino m¶dio da escola parceira, notei algumas pr®ticas de produ´² o oral em L°ngua Inglesa, na apresenta´² o de trabalhos e atividade de elabora´² o de podcast com entrevistas realizadas pelos alunos, nas quais alguns alunos demonstraram interesse ao tentar pronunciar adequadamente as palavras em ingl¸ s durante as apresenta´Þes.

Diante disso, atrav¶s dessa motiva´² o, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as perspectivas de professores de ingl¸ s a respeito do ensino da produ´² o oral na Educa´² o B®sica. Para tanto, com os seguintes objetivos espec°ficos: (1) Identificar as percep´Þes desses professores de L°ngua Inglesa sobre o ensino da produ´² o oral na Educa´² o B®sica; (2) Comparar as percep´Þes desses professores. Nesse sentido, busca-se responder os seguintes questionamentos: (1) Quais as percep´Þes dos dois professores de L°ngua Inglesa sobre o ensino da produ´² o oral na Educa´² o B®sica?; e (2) Como as percep´Þes desses professores podem ser comparadas?. Os dois professores atuam em escolas distintas: um na escola pßblica e o outro na escola privada.

Esta monografia est® dividida em 4 se´Þes, al¶m desta introdu´²o. Primeiramente a fundamenta´²o teÆrica, composta pelas segunda e terceira se´Þes: `O ensino da produ´²o oral_ onde a import°ncia e a complexidade do ensino da produ´²o oral s²o apresentadas; e `O caminho do ensino da produ´²o oral em L°ngua Inglesa no Brasil_ em que ¶ descrito o caminho do ensino da produ´²o oral no pa°s, atrav¶s das discussÞes sobre oralidade presentes nas pol°ticas educacionais at¶ a Base Nacional Comum Curricular. Em sequ¸ncia, na quarta se´²o, s²o apresentados os perfis dos participantes e os instrumentos de coleta de dados adotados nessa pesquisa. ApÆs isso, a an®lise ¶ dividida em 4 categorias com base no assunto das respostas analisadas e comparadas dos professores, coletadas a partir de question®rio e entrevistas. Por fim, na ßltima se´²o as considera´Þes finais encerram essa pesquisa, seguidas pelas refer¸ncias bibliogr®ficas utilizadas.

1. FUNDAMENTA¤ ű O TEΦRICA

Dois eixos teÆricos fundamentaram esta pesquisa: (1) o ensino da produ´² o oral; e (2) o ensino da produ´² o oral na Educa´² o B®sica

2.1 O ENSINO DA PRODU¤ ű O ORAL

Segundo Celce-Murcia (2001), a capacidade de saber falar uma lºngua normalmente ¶ confundida com ter flu¸ ncia sobre essa lºngua, isso ocorre principalmente por esse ser o meio b®sico e mais recorrente da comunica´² o humana. Do mesmo modo, geralmente quando ¶ questionado se algu¶m sabe falar uma lºngua estrangeira, normalmente o termo `falar¯ compÞe esta pergunta, desconsiderando as demais habilidades linguºsticas, como escrever, ler e ouvir/compreender oralmente. A produ´² o oral tende a ser um aspecto importante ao se aprender a LI por ser o objetivo mais cobi´ado pelos aprendizes. Dessa maneira, o alvo principal se torna comunicar-se em outra lºngua (Santos; Barcelos, 2018).

Uma importante concep´² o para o ensino de ingl¸ s ¶ que os alunos devem ser incentivados a se preocuparem com o prÆprio aprendizado. Celce-Murcia (2001) ressalta que `Uma caracterºstica final que define a atual sala de aula de ingl¸ s como segunda lºngua ¶ que os alunos s² o incentivados a assumir a responsabilidade por sua prÆpria aprendizagem¯ [2](p.104). Esse aprendizado vem a partir das suas conexÞes, isto ¶, o aluno aprende com o mundo fora da sala de aula, com o professor e com colegas, e quanto mais oportunidades de interagir com essas rela´Þes, maior ser®seu desenvolvimento com a lºngua (Celce-Murcia, 2001).

Celce-Murcia (2001) acrescenta que na sala de aula focada em habilidades orais os alunos devem ser encorajados a iniciarem comunica´Þes sempre que possºvel, sem a necessidade de momentos de atividades direcionadas pelo professor. Isto ¶, deve haver o encorajamento da autonomia do aluno em usar o ingl¸ s para se

[2] Minha tradu´² o de: A final feature with characterizes the current ESL classroom is that students are encouraged to take responsibility for their own learning (Celce-Murcia, 2001, p. 104).

comunicar normalmente em sala de aula, mas tamb¶m refletirem sobre o prÆprio aprendizado.

§ importante ressaltar o conceito da inteligibilidade na comunica´²o oral, sendo entendido por Becker (2013) que:

> [...] h®certo senso comum de que o propÆsito de se falar ingl¸s ¶ ser compreendido por um interlocutor, ¶ poder se comunicar nessa l°ngua, e n²o se preocupar em se ter ou n²o sotaque, uma saliente dimens²o da pronßncia da grande maioria dos que n²o t¸m o ingl¸s como sua l°ngua materna, pois se o sotaque n²o afetar a inteligibilidade, ¶ irrelevante para a comunica´²o. (Becker, 2013, p. 50)

Com a cita´²o, Becker (2013) ressalta que o ensino de L°ngua Inglesa, pautado na comunica´²o oral deve respeitar a inteligibilidade, ou seja, objetivar que o aluno se torne capaz de produzir oralmente para que o ouvinte entenda a mensagem que ele deseja transferir. Al¶m disso, ¶ fundamental que no ensino seja desconsiderado a desconstru´²o do sotaque da l°ngua materna, ou seja, eliminar as caracter°sticas do sotaque natural com a busca de falar `corretamente¿ ao visar padrÞes de sotaques, tal como o do ingl¸s brit°nico, do australiano ou do estado-unidense (Becker, 2013).

Celce-Murcia (2001) inclui que, em aulas de habilidades orais, podem ser utilizadas compet¸ncias de leitura e escrita como base ou complemento para as atividades de produ´²o oral. Dessa forma entendemos que nessas aulas n²o se utiliza apenas a habilidade alvo de desenvolvimento, mas tamb¶m um conjunto de outras habilidades, ou seja, o ensino de produ´²o oral em L°ngua Inglesa n²o ¶ isolado e pode contribuir com o exerc°cio da leitura, compreens²o oral e escrita.

Al¶m disso, a produ´²o oral tamb¶m contribui para o conhecimento de mundo dos aprendizes por meio de pr®ticas de interculturalidade. A partir do momento em que se compreendeu o conceito da L°ngua Inglesa como l°ngua franca, se ampliou a sua diversidade, por possuir diversos falantes (nativos ou n²o) no mundo e consequentemente ser rodeada por diferentes culturas, ou seja, sendo caracterizada como l°ngua global. Pr®ticas que rodeiam essa concep´²o ampliam o aprendizado dos alunos, visto que ao produzirem oralmente, ser²o expostos aos diferentes tra´os lingu°sticos existentes, como: sotaques, dialetos, entre outros (BNCC, 2017).

Quanto ao ensino da produ´²o oral, Campos (2023) afirma que:

> Este ¶ um ponto chave para o docente abordar nos contextos das aulas, que existem diversas e diferentes formas de um indivºduo se expressar LI, como tamb¶m, favorece o ensino da interculturalidade e o respeito ¯s diferentes culturas, sotaques, diferen´as no modo de viver, tais aspectos fazem parte da identidade de cada sujeito e promove que este, adquira conhecimentos de mundo, respeitando e reconhecendo aquilo que ¶ diferente de si (Campos, 2023, p. 4).

A partir do excerto, compreendemos que pr®ticas de produ´²o oral possuem valor comunicativo significativo nas aulas de Lºngua Inglesa, fatores como: diferentes sotaques e dialetos nativos e regionais, e diferen´as culturais que compÞem a lºngua podem ser considerados. Dessa forma, entende-se que o professor, ao considerar a dimens²o e aplicar interculturalidade no ensino de Lºngua Inglesa, ocasionar®apoio no processo de desenvolvimento crºtico dos alunos. Ao ampliarem o conhecimento do mundo eles aprendem a analisar, refletir e respeitar as diferen´as.

Com fundamento em Celce-Murcia (2001), quando consideramos como o ensino se organiza na educa´²o brasileira, este se diferencia no ambiente em que os alunos est²o inseridos, seja na Educa´²o B®sica (no ensino infantil, fundamental ou m¶dio), na escola pßblica ou privada, escola de idiomas ou meio acad¸mico. Nesse sentido, o professor precisa considerar essas diferen´as e estar atento as necessidades do ambiente de aula, ao planejar e ministrar.

Al¶m disso, ao planejar uma aula de produ´²o oral, ¶ preciso salientar a import°ncia de identificar o nºvel de profici¸ncia dos alunos, advindo das particularidades existentes nas turmas e seus alunos ao possuºrem grau de conhecimentos diferentes (por exemplo, um aluno pode estudar sozinho ingl¸s diferentemente da maior parte da turma); e entender suas necessidades enquanto aprendizes, a exemplo de metas pretendidas, como eles avaliam o prÆprio conhecimento ao falar em ingl¸s, confian´as, entre outras (Celce-Murcia, 2001).

Ao abordar motivos que tornam a produ´²o oral complexa para os alunos, a autora Celce-Murcia (2001), baseando-se em Bown (1994), comenta que ocorre a influ¸ncia de: aspectos que envolvem a fala fluente (gºrias e expressÞes idiom®ticas), aspectos fonolÆgicos (acentua´²o da palavra, ritmo e entona´²o), al¶m do motivo da qual se comunicar est®sempre relacionado a intera´²o com outro falante/ouvinte. Ainda salienta `talvez o aspecto mais difºcil do ingl¸s falado seja que ele sempre ¶

realizado por meio da intera´²o com pelo menos um outro falante_[3] (Celce-Murcia, 2001, p. 103). A intera´²o ¶ considerada como o aspecto mais difºcil, por ser preciso monitorar o que o outro falante produz, para assim entend¸-lo e contribuir com uma fala condizente ao contexto comunicativo, ou seja, sendo importante entender o outro e produzir fala inteligºvel. Dessa maneira, entendemos que em atividades de intera´²o a produ´²o e a compreens²o oral est²o intrinsicamente ligadas.

Santos e Pungartinik (2021) apontam mais adversidades ao argumentar que:

> [...] a produ´²o oral em lºngua inglesa n²o ¶ uma tarefa f®cil, visto que uma s¶rie de fatores devem ser levados em considera´²o, entre eles o nºvel de profici¸ncia do falante da lºngua alvo, o contexto de fala, al¶m das questÞes pessoais como timidez, poucas oportunidades de pr®tica da lºngua, vocabul®rio limitado etc (Santos; Pungartinik, 2021, p. 06).

As pr®ticas de situa´Þes reais de comunica´²o que envolvem outros falantes (de intera´²o), como citado anteriormente, ¶ onde os aprendizes enfrentam mais obst®culos, entre eles est®a timidez. Esse aspecto ¶ pouco estudado nas pesquisas da educa´²o, mas ¶ o principal motivo por erros ou a aus¸ncia da produ´²o oral ocorrem entre os alunos, pois `pessoas tºmidas normalmente evitam contatos sociais, pois se sentem desconfort®veis com outras pessoas e, assim, podem n²o praticar tanto a lºngua._(Santos; Barcelos, 2018, p. 20).

2.2 O ENSINO DA PRODU¤ ű O ORAL EM LÞNGUA INGLESA NO BRASIL

O ensino de lºnguas estrangeiras no Brasil ocorre desde o perºodo colonial, a partir da for´ada pedagogia jesuºtica com lºnguas latinas, do Imp¶rio (1841-1881) e de outras lºnguas europeias, entre elas o ingl¸s em um ßnico col¶gio, tornando-se uma histÆria marcada por oscila´Þes e desafios a partir da Primeira Repßblica (1890-1925). Entretanto, na contemporaneidade, diversas polºticas educacionais foram criadas ao longo dos anos, proporcionando mudan´as no ensino de lºnguas no Brasil (Oliveira, 2015).

[3] Minha tradu´²o de `Perhaps the most difficult aspect of. spoken English is that it is almost always accomplished via interaction with at least one other speaker._(Celce-Murcia, 2001, p. 103).

Dentre as diversas outras polºticas educacionais, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, a Lei 9.394, produziu um avan´o importante ao tornar o ensino de Lºngua Inglesa como disciplina obrigatÆria e ao adicionar que deve ser imposta a partir da segunda fase do Ensino Fundamental. (Campos, 2023).

Nos Parºmetros Curriculares Nacionais ¯ PCNšs (1998), em rela´²o ao ensino de lºnguas estrangeiras ¶ reconhecido que:

> A aprendizagem de Lºngua Estrangeira ¶ uma possibilidade de aumentar a percep´²o do aluno como ser humano e como cidad²o. Por isso, ela vai centrar-se no engajamento discursivo do aluno, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso, de modo a poder agir no mundo social. Para que isso seja possºvel ¶ fundamental que o ensino de Lºngua Estrangeira seja balizado pela fun´²o social desse conhecimento na sociedade brasileira (Brasil, 1998, p. 63).

Entretanto os PCNšs (1998) enfatizam que tal fun´²o discursiva est® principalmente relacionada ¯ habilidade de leitura, desvalorizando as outras habilidades comunicativas como produ´²o oral, compreens²o oral e escrita que s²o importantes no desenvolvimento da aprendizagem dos educandos. (Campos, 2023)

Silva (2024) ressalta que `O Parºmetro Curricular Nacional ¯ PCN (Brasil, 2000) ¯ indica que a comunica´²o oral n²o ¶ uma prioridade para os estudantes brasileiros, mas n²o descarta a importºncia de praticar essa habilidade._[4] (Silva, 2024, p. 4). Assim, a autora afirma que mesmo que esse documento educacional oriente que o foco seja direcionado para outras habilidades, isso n²o impossibilita que o ensino da produ´²o oral n²o seja contemplado. Embora exames nacionais foquem em leitura e interpreta´²o textual, isso n²o deve afetar o ensino nessas propor´Þes (Silva, 2024).

Ao longo dos anos, com a necessidade de melhorar o desempenho dos alunos em exames, como o ENEM (Exame Nacional do Ensino M¶dio), foi criada a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Este ¶ um documento utilizado para orientar os currºculos das escolas pßblicas e particulares brasileiras. (Cordeiro; Morini, 2020). No

[4] Minha tradu´²o de `The National Curriculum Parameters ¯ PCN (Brasil, 2000) ¯ indicate that oral communication is not a priority for Brazilian students, but it does not dismiss the importance of practicing this skill._ (Silva, 2024, p. 4)

que se refere ¯ produ´²o oral em L°ngua Inglesa, a BNCC aborda com mais especificidade e conceitos o ensino da produ´²o oral, em rela´²o as pol°ticas educacionais citadas anteriormente (LDB 1996 e PCN 1998). Esta relev°ncia ¶ observada quando apresenta os eixos organizadores do componente L°ngua Inglesa.

No eixo da oralidade da BNCC (2017), ¶ destacada a pr®tica combinada da compreens²o oral (a escuta) e produ´²o oral (a fala), pois esta propÞe negocia´²o e constru´²o de significados que s²o compartilhados entre ouvinte e falante ou participantes, que podem ocorrer por meio de contato face a face ao tratar-se da produ´²o da fala. Sendo estas atividades,

> [...] as pr®ticas de linguagem oral presenciais, com contato face a face ¯ tais como debates, entrevistas, conversas/di®logos, entre outras ¯, constituem g¸neros orais nas quais as caracter°sticas dos textos, dos falantes envolvidos e seus `modos particulares de falar a l°ngua¸ que, por vezes, marcam suas identidades, devem ser considerados (BNCC, 2017, p. 239).

Ademais, a BNCC contextua o ensino da produ´²o oral ligada a pr®ticas socio interativas para o desenvolvimento dos v®rios atributos que envolvem esta habilidade, sendo estas: estrutura lingu°stica, pronßncia, entona´²o e ritmo. Al¶m de valorizar as particularidades dos aprendizes de L°ngua Inglesa ao praticarem a fala e a utiliza´²o de estrat¶gias no aprendizado (BNCC, 2017).

§ destacado que, ao praticarem as atividades orais, ¶ promovido o desenvolvimento do comportamento dos alunos, da qual ultrapassam a barreira de apenas `falar em ingl¸s¸ mas como progresso comunicativo do ser humano, `como arriscar-se e se fazer compreender, dar voz e vez ao outro, entender e acolher a perspectiva do outro, superar mal-entendidos e lidar com a inseguran´a, por exemplo¸ (BNCC, 2017, p. 239).

Ademais, a vis²o sobre a L°ngua Inglesa como l°ngua franca continua tanto na no ensino m¶dio, quanto no ensino fundamental. Na BNCC (2017), o status de l°ngua franca ¶ contemplado, ou seja, a considera´²o como l°ngua estrangeira foi desconstru°da no momento em que ¶ falada por diversos pa°ses no mundo, tendo car®ter global. (Campos, 2023).

No ensino m¶dio, os alunos refletir² o em v®rias ®reas do conhecimento e ampliar² o suas compet¸ ncias discursivas por meio de atividades que afetam o amadurecimento cognitivo, lingu°stico, cultural e social, como por exemplo: ao estender o conhecimento do mundo, compartilhar ideias e valores, lidar com conflitos, argumentas etc (Brasil, 2018).

No ensino m¶dio, h®menos detalhamento acerca do ensino da L°ngua Inglesa ao comparar com a etapa do ensino fundamental. Em contraste ¯ etapa do fundamental (2017), onde a L°ngua Inglesa ¶ dividida em eixos, sendo estes: Oralidade, Leitura, Conhecimentos Lingu°sticos e Dimens² o intercultural. Al¶m das diversas unidades tem®ticas, seus objetos de conhecimentos e habilidades, a serem destacado a cada ano de escolaridade. (Brasil, 2017-2018)

Essa etapa tamb¶m se diferencia do ensino fundamental por ampliar o objetivo de forma´² o do aluno, com perspectivas de ensino que ultrapassam a escolariza´² o. Os anos finais apresentam um foco na prepara´² o do aluno para o mundo, para o mercado de trabalho e para conviver em sociedade, e isso ocorre por meio do projeto de vida e itiner®rios formativos. (Santos; Pereira, 2024)

Por fim, Cardoso et al (2011) pontuam uma cren´a social que reproduz a ideia de que o ensino de ingl¸ s na escola regular ¶ ineficaz, principalmente na rede pßblica de ensino. Os autores apontam a chamada `profecia autorrealizadora¸, em que o aluno pode internalizar essa ideia de incapacidade de aprender e materializ®la com dificuldades no aprendizado. Todavia, no Brasil h® diversas pol°ticas educacionais, atualmente a BNCC como base normativa para o ensino tanto na rede pßblica quanto a rede privada. Sabendo disso, um ensino que ¶ regulado igualmente para ambos os ambientes n² o deveria ser tratado com desigualdade pela sociedade.

Por fim, ¶ importante destacar que a BNCC ¶ um documento de car®ter normativo que visa orientar o que ¶ ensinado nas escolas, ou seja, os curr°culos das escolas s² o baseados e orientados pela BNCC. Ademais, essa regulariza´² o do ensino ocorre `sem que as particularidades metodolÆgicas, regionais e sociais de cada uma sejam desconsideradas¸. (Gon´alves et al., 2020, p. 11)

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa classifica-se como qualitativa-interpretativista. Na referida classifica´²o, segundo Silva (2017):

> O foco de uma pesquisa qualitativa-interpretativista est®, por assim dizer, no sentido, na interpreta´²o que o pesquisador faz de seus dados. Importam aqui n²o os nßmeros absolutos, as generaliza´Þes e as porcentagens, mas as interpreta´Þes, as `leituras_ do pesquisador de seus dados (Silva, 2017, pg. 64).

3.1 PARTICIPANTES

Colaboraram nesta pesquisa dois participantes, ambos professores de L°ngua Inglesa da Educa´²o B®sica. Discorrendo sobre o perfil destes professores, o atuante na rede pßblica, h®8 anos, ¶ graduado em licenciatura em letras portugu¸s-ingl¸s em 2019, possui especializa´²o em Linguagem e Ensino e recentemente concluiu mestrado. O outro professor ¶ atuante h®14 anos na rede privada, licenciado em L°ngua Inglesa em 2012 e especializado em tecnologia na educa´²o.

3.2 COLETA DE DADOS

Question®rios

O instrumento inicial para a coleta de dados dessa pesquisa foi um question®rio elaborado por meio do Google Forms, e enviados no dia 13 de novembro de 2024 por meio do WhatsApp, para os professores responderem virtualmente na plataforma do Google.

O question®rio fora dividido em duas partes com apenas questÞes discursivas. A primeira estava destinada a respostas a respeito do perfil dos professores, como

idade, forma´²o e tempo de atua´²o. J®na segunda parte do question®rio havia questÞes sobre o prÆprio aprendizado de produ´²o oral, import°ncia do ensino da produ´²o oral, corre´²o, dificuldades no ensino e na aprendizagem dos alunos, diferen´as entre o ensino fundamental e o ensino m¶dio, e sobre a intera´²o social. (ver Anexo 1)

Entrevistas semiestruturadas

ApÆs a obten´²o das respostas dos question®rios, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas, ou seja, questÞes elaboradas a partir das respostas do question®rio de ambos os professores, com o fim de obter mais detalhes em rela´²o ¯s respostas. As entrevistas foram realizadas com base na disponibilidade dos professores. O professor da escola pßblica foi entrevistado no dia 09 de junho de 2025, j®o da escola privada no dia 12 de agosto de 2025. (ver Anexos 2 e 3)

Posteriormente, foi realizada mais um questionamento entre os dias 29 e 30 de janeiro de 2026, via WhatsApp, para ambos os professores, j®que houve a necessidade de esclarecer melhor a resposta da rela´²o entre a BNCC e a Produ´²o Oral.

4 ANÁLISE

A fim de apresentarmos as percepções dos dois professores participantes a respeito do ensino da produção oral em inglês, e compararmos essas percepções, agrupamos os dados coletados em 4 categorias: (5.1) Importância do ensino da produção oral; (5.2) Técnicas de ensino da produção oral; (5.3) Dificuldades no ensino da produção oral; e (5.4) A BNCC e a produção oral.

Em cada categoria, compararemos as percepções dos dois professores, identificando as semelhanças e diferenças existentes entre essas percepções.

5.1 IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA PRODUÇÃO ORAL

Os dois professores concordam que o ensino da produção oral é importante, como mostram os excertos, a seguir:

Pública: Extremamente relevante! Sem a produção oral não há ensino da língua como ela é realmente. Sem contexto autêntico de fala, o estudante não será capaz de produzir conhecimento na língua alvo (Questão 5, questionário).

Privada: Acredito que é de extrema importância a relevância do ensino da produção oral, pois a comunicação vai além da escrita [...] (Questão 5, questionário).

Ambos os professores concordam que o ensino da produção oral é importante no ensino da Língua Inglesa. Com base nas respostas, entendemos que, para esses professores, prática de uso da língua é essencial para comunicação e para produzir conhecimento na língua-alvo. Levando em consideração que o objetivo do aprendizado de línguas é para aprender a se comunicar, então o ensino da produção oral é indispensável nesse processo.

Santos e Barcelos (2018) mencionam que a fala é a característica principal ligada ao motivo pelo qual os aprendizes procuram aprender uma segunda língua, em comparação a escuta, escrever e ler. Com isso, com base nos excertos, constatamos

que os professores veem que produzir oralmente ¶ essencial para o ensino de Lºngua Inglesa, como argumentam Santos e Barcelos (2018).

Ao questionarmos se os mesmos ensinam a produ´²o oral e as razÞes, obtivemos as seguintes respostas:

Pßblica: Sim (ensina), porque cria conexÞes entre o estudante e a lºngua, fazendo ela de fato, fazer sentido para o aluno, para que ele possa internaliza-la e vivencia-la (Quest²o 7, question®rio).

Privada: `Atualmente (este ano n²o), mas em anos anteriores trabalhei no Ensino M¶dio, onde atuo principalmente. O motivo pela qual trabalho/trabalhei, ¶ por acreditar que os alunos precisam muito mais do que simplesmente ler e escrever, e/ou reconhecer estruturas linguºsticas do idioma, eles precisam usar o idioma de fato, na pr®tica, como ele acontece no cotidiano (Quest²o 7, question®rio).

Identificamos nessa categoria que h® semelhan´as entre as percep´Þes dos dois professores, quanto ¯ importº ncia do ensino da produ´²o oral. Ademais, ambos ensinam produ´²o oral, mesmo que o professor da escola privada n²o ensine atualmente (no ano em que os question®rios foram realizados).

Al¶m disso, ambos possuem razÞes distintas para ensinar a produ´²o oral. Na fala do professor da escola pßblica ¶ observ®vel que produzir oralmente ¶ o momento onde o aluno entende como utilizar a lºngua, por meio do desenvolvimento da naturalidade/intimidade com a lºngua falada. Por outro lado, o professor da escola privada acredita que para o aluno aprender um novo idioma, ler, escrever e reconhecer estruturas linguºsticas n²o s²o suficientes, pois ¶ a pratica da produ´²o oral que permite conhecer a lºngua no seu uso real.

5.2T§CNICAS DE ENSINO DA PRODU¤ ű O ORAL

Como mostramos na categoria anterior, ambos os professores ensinam a produ´²o oral. Questionamos, ent²o, quais t¶cnicas os mesmos utilizam. Obtivemos as seguintes respostas:

Pßblica: Atualmente tento fazer com que eles ou´am, produ´Þes de v®rios tipos, seja de mßsicas, seja de situa´Þes reais, seja de filmes, s¶ries e algumas reportagens tamb¶m. Ent² o eu fa´o com que eles tenham esse contato com a l°ngua e a partir disso que eles possam trazer, falar sobre si mesmo (Entrevista).

Privada: N² o sei se por quest² o da forma como eu aprendi, ent² o voc¸ acaba trazendo essas cren´as pra voc¸ tamb¶m, mas eu trabalho com o visual, gosto muito de trazer imagens, videoclipes, v°deos de situa´Þes cotidianas [...] (Entrevista).

Al¶m de mencionar a t¶cnica de ensino que costuma utilizar, o professor da escola privada exemplificou uma atividade exitosa realizada:

Consegui fazer um trabalho legal com o ensino m¶dio, consegui que eles apresentassem trabalhos e gravassem v°deos, fazer filmes em ingl¸s. Ent² o considero bastante positivo e teve bastante sucesso nesse quesito (Entrevista).

Observamos que as t¶cnicas de ensino da produ´² o oral de ambos os professores s² o semelhantes, pois ambos afirmam fazer a utiliza´² o de produ´Þes ®udio visuais, para desenvolver prov®veis atividades de produ´² o oral em sala de aula. § interessante ressaltar que o professor da escola privada acredita que a maneira como aprendeu L°ngua Inglesa, enquanto era aluno, influencie na sua pr®tica docente.

Vemos tamb¶m que o material did®tico, como mßsicas e reportagens, utilizados pelos professores para ensinar produ´² o oral envolvem tamb¶m a compreens² o oral. Compreendemos que esses professores fazem a utiliza´² o desses materiais nas aulas como preparo para pr®ticas de fala, funcionando como aquecimento para esse momento. Celce-Murcia (2001) afirma que nas aulas de L°ngua Inglesa, mßltiplas habilidades devem ser ensinadas sempre que poss°vel, e que os professores devem conectar o ensino da fala, da audi´² o e da pronßncia, mesmo que o foco da aula seja apenas uma ou outra habilidade.

Al¶m de mencionarem as formas de ensinar a produ´² o oral, os dois professores fizeram refer¸ncia ¯ import°ncia da intera´² o social no ensino da produ´² o oral, como mostrado a seguir:

Pßblica: § muito positivo (sobre a intera´² o social) porque, como sempre s² o atividades, eu tenho que propor algumas atividades que eles devem interagir entre si. [...] Eles conseguem

perceber que est² o todos mais ou menos no mesmo nºvel. [...] o outro (colega) as vezes ensina, n¶? De um jeito que, ¯s vezes, eu n² o vou ensinar. (Entrevista).

Privada: [...] motiva´²o - tenho observado que quando se comunicam, e percebem que conseguem manter algum tipo de di®logo com outra pessoa ¯ isso os motiva cada vez mais, ent² o acaba trazendo mais motiva´² o para o aluno (Quest² o 15, question®rio).

Ambos os professores concordam que atividades com intera´² o social proporcionam importante desenvolvimento da habilidade de comunica´² o oral dos alunos, apresentando os benefºcios dessa pr®tica. O professor da escola pßblica ressalta que a intera´² o social ¶ o momento onde os alunos aprendem com o outro, trata-se de uma experi¸ ncia de aprendizado, que apenas o professor ensinando n² o consegue proporcionar. J ® o professor da escola privada pontua que os alunos se sentem mais motivados a aprender, ao perceberem que est² o conseguindo manter um di®logo com o outro.

Celce-Murcia (2001) aponta que, atualmente, a sala de aula de ingl¸ s ¶ aquela onde os alunos se sentem respons®veis pelo prÆprio aprendizado e que hoje entendemos que os alunos aprendem com os professores, com os colegas e com o mundo fora da sala de aula. Observamos isso atrav¶s dos relatos desses professores, a partir do momento em que o aluno se comunica oralmente com o outro ele est® aprendendo, o que resulta na motiva´² o deles em continuar praticando ao perceberem esses resultados no prÆprio desenvolvimento em produzir oralmente em ingl¸ s.

A corre´² o, durante as atividades de produ´² o oral, tamb¶m foi mencionada pelos dois professores. Ao serem questionados se usam a corre´² o durante o ensino da produ´² o oral, responderam que:

Pßblica: Sim, mas com cautela, ¶ importante respeitar a din° mica prÆpria de aquisi´² o de uma segunda l°ngua e ela passa por equ°vocos. [...] Eles devem se sentir confort®veis com a pronßncia que seja compreens°vel e intelig°vel (Quest² o 8, question®rio). A n² o ser que ele esteja produzindo alguma coisa incompreens°vel ou agramatical. Ent² o, eu n² o estou no lugar de corrigir sotaque (Entrevista).

Privada: Quando ensinei, sim, fazia as corre´Þes, de maneira pontual, evitando fazer todo e qualquer tipo de corre´² o o tempo todo, pois levava em considera´² o os diversos fatores envolvidos no momento em que o ensino/aprendizagem aconteciam na sala tais como:

barulho, quantidade de alunos, a acßstica do ambiente, a timidez por parte de muitos alunos, as brincadeiras (risadas) de outros, etc. Assim, evitava corrigir coisas n² o t² o relevantes, e focava realmente no essencial para o momento (Quest² o 8, question®rio).

Em ambas as respostas ¶ observado a cautela na corre´² o em aulas de produ´² o oral, mesmo que haja justificativas diferentes. A inteligibilidade, citada pelo professor da escola pßblica ¶, sen² o a mais importante caraterºstica da aprendizagem da produ´² o oral, al¶m do respeito a pronßncia. Assim como Becker (2013) ressalta que o propÆsito de falar em ingl¸ s ¶ ser compreendido pelo interlocutor e n² o se preocupar com o sotaque, ou seja, se h®uma comunica´² o, se o sotaque n² o afeta essa compreens² o, ent² o se torna irrelevante.

Al¶m disso, observamos que os professores possuem diferentes razÞes para realizar corre´Þes durante suas aulas. O professor da escola pßblica interv¶m apenas quando o aluno produz algo incompreensºvel de se entender, seja em rela´² o a compreens² o oral ou concord° ncia gramatical. No caso do professor da escola privada, razÞes como o ambiente de sala de aula, questÞes estruturais e, principalmente, o comportamento dos alunos influenciam sua decis² o sobre o que corrigir na produ´² o oral dos alunos.

5.3 DIFICULDADES NO ENSINO DA PRODU¤ ű O ORAL

Ao abordarem as dificuldades no ensino da produ´² o oral, ambos os professores mencionaram diversos motivos. Em rela´² o ao desinteresse dos alunos, os professores afirmaram:

> Pßblica: Desinteresse. Atualmente o pßblico discente tem se afastado mais da lºngua estrangeira (Quest² o 10, question®rio). § uma frase que eles sempre dizem assim: `se eu n² o sei em portugu¸ s, como ¶ que eu vou saber ingl¸ s? _ [...] Eles n² o se sentem capazes de, n² o necessariamente dominar, mas de compreender ou de pelo menos tentar. Ent² o, afeta completamente (Entrevista).

> Privada: Desinteresse por parte dos alunos - Muitos se sentem desmotivados a aprender a oralidade da Lºngua Inglesa, pois carregam consigo a ideia de que n² o v² o precisar do idioma na vida deles, de que n² o v² o viajar para o exterior. (Quest² o 11, question®rio).

Nos excertos de ambos os professores, o desinteresse dos alunos no aprendizado da lºngua ¶ constantemente presente nas respostas. § a principal caracterºstica que dificulta o ensino de produ´²o oral e, consequentemente, o aprendizado os alunos. Os professores citam diferentes fatores que causam o desinteresse nos alunos. O da escola pßblica afirma que s² o influenciados pela ideia de que n² o s² o capazes de aprender outra lºngua, j®o da privada lembra o discurso frequente em que nunca v² o precisar do ingl¸s, pois nunca ir² o viajar para o exterior. Desse modo, observamos que o desinteresse dos alunos ¶ envolvido por discursos comuns entre eles, voltados a utilidade e capacidade de aprender ingl¸s.

Al¶m do desinteresse, os professores pontuam outras questÞes que contribuem para essas dificuldades, nos seguintes excertos:

Pßblica: Ent² o, eu acho que essa quest² o do tempo, estrutura e do prÆprio currºculo da Lºngua Inglesa as vezes nos barra de fazer algumas atividades que poderiam ser mais interessantes para os alunos. A gente poderia ter um LaboratÆrio de lºnguas, logicamente que tem espa´o para voc¸ fazer muitas outras coisas. A gente n² o tem uma sala de inform®tica suficiente, tem poucos computadores (Entrevista).

Privada: Quantidade de alunos nas salas de aulas. 2. Carga hor®ria destinada ao Ensino de Lºngua Estrangeira. 3. Ambiente e Recursos adequados - Se lecionar na lºngua materna, j®¶ difºcil, numa sala com muito barulho interna e externamente, imagina outra lºngua? (Quest² o 10, question®rio).

Os professores citam dificuldades semelhantes, relacionadas ao comportamento dos alunos sobre aulas de produ´²o oral em LI. Os professores lembram que as dificuldades tamb¶m est² o ligadas a estrutura escolar e ao currºculo.

Entendo que quantidade de alunos, barulho e falta de recursos tamb¶m afetam outras disciplinas, por¶m, tratando-se do ensino da produ´²o oral em outra lºngua, h® mais necessidades em rela´²o a esses fatores. Isto devido a especificidade do processo ensino, que necessita de comunica´²o, compreens² o oral, intera´²o social e diversidade nos momentos de pr®tica da lºngua, assim evitando a sequ¸ncia de did®tica repetitiva e cansativa.

Os professores tamb¶m discorreram sobre diferen´as em ensinar produ´²o oral no Ensino Fundamental e no Ensino M¶dio, como observado nos seguintes excertos:

Pßblica: No ensino fundamental, como s² o crian´as, adolescentes, ent² o, todas as atividades mais interessantes ou din° micas, eles se dispÞem a fazer. J ®no Ensino M¶dio, a gente j®tem alunos com seu desenvolvimento formado, ent² o eles j®sabem o que querem, o que eles n² o querem, se eles gostam, se eles n² o gostam do ingl¸ s. Ent² o, vamos dizer assim, se em uma sala a maioria n² o gosta, ¶ muito dif°cil voc¸ propor uma atividade diferente (Entrevista).

Privada: O Ens. Fundamental ¶ bem mais aberto ao novo - nesse aspecto. As atividades lßdicas s² o melhores aceitas por eles; no Ens. M¶dio - principalmente com essa gera´² o atual - que se acham autossuficientes - fica mais trabalhoso o ensino, pois os alunos tendem a n² o colaborarem muito, n² o levam muito a s¶rio, brincam muito nas atividades - com piadinhas, risadas, chacotas com os colegas que cometem erros, etc (Quest² o 13, question®rio).

Ambos os professores concordam que o ensino fundamental ¶ mais receptivo para atividades diferentes, como atividades de produ´² o oral, exemplificadas como atividades lßdicas com din° micas. Al¶m disso, tamb¶m concordam que o ensino m¶dio possui comportamento diferente para a recep´² o dessas atividades, devido ao desenvolvimento `mais formado_. Os professores dizem que por estarem em uma fase et®ria dif°cil, com mais responsabilidades, eles rejeitam facilmente atividades que n² o gostam, tamb¶m geram momentos em que desmotivam a participa´² o de colegas com brincadeiras e chacotas durante momentos de produ´² o oral em L°ngua Inglesa.

Al¶m de citar as diferen´as entre o ensino fundamental e m¶dio, nos seguintes excertos os professores discorrem se ¶ poss°vel ensinar a produ´² o oral, tanto na escola pßblica quanto na privada.

Pßblica: Sim, ¶ poss°vel! Mas ¶ preciso de apoio, da rela´² o escola, gest² o e fam°lia. § preciso que muitas coisas deem certo da porta pra fora da sala de aula, porque, por mais que voc¸ d¸ o seu melhor como professor, se a escola, enquanto gest² o n² o monitora, n² o incentiva e fiscaliza, se a fam°lia n² o acompanha o processo cognitivo, emocional e intelectual do estudante, pouco ser®o retorno das atividades pedagÆgicas em si (Quest² o 14, question®rio).

Privada: [...] no que diz respeito as dificuldades e necessidades para o ensino de l°ngua estrangeira, ¶ poss°vel sim, em ambos os pßblicos ensinar e aprender - Apesar de tudo e de todos (Quest² o 14, question®rio).

O questionamento feito para resultar nessas respostas dos professores surgiram com base nos autores Cardoso, Mota e Schadech (2011), que lembram da exist¸ ncia de uma cren´a por parte da sociedade em que o ensino de ingl¸ s na escola regular, principalmente na rede pßblica, ¶ ineficaz e que os alunos n² o s² o `bons_ para

aprender. Esta concep´²o ¶ chamada de `profecia autorrealizadora¸, explicado pelos autores como `a internaliza´²o e materializa´²o da cren´a, por parte dos alunos, de que o processo de ensino aprendizagem fracassar®¸. (Cardoso; Mota; Schadech; 2011, p. 238)

Entendemos que as cren´as da sociedade podem ser internalizadas pelos indivºduos e afetar sua postura, nesse caso dos alunos, principalmente pela diferen´a entre os privil¶gios de uma escola privada e uma pßblica. Desse modo, temos a inten´²o de saber a vis²o desses professores e se afirmam ou negam a veracidade dessas cren´as sociais por meio das suas respostas.

Observamos que ambos os professores concordam que ¶ possºvel ensinar e aprender Lºngua Inglesa e sua produ´²o oral na escola pßblica e privada, assim refutando cren´as sociais a respeito da efic®cia do ensino entre essas redes. O professor da escola privada enfatiza que as necessidades e dificuldades afetam o pßblico de ambos os ambientes. J® o da escola pßblica ressalta que independentemente do esfor´o do professor, torna-se difºcil trabalhar e obter resultados positivos, se os pais e a escola n²o acompanham o aprendizado, e a gest²o n²o monitora nem fiscaliza, pra isso ¶ o necess®rio o apoio da escola, gest²o e famºlia.

5.4 BNCC E O ENSINO DA PRODU¤ üO ORAL

Inicialmente, os professores relatam que conhecem a BNCC, como observado nos excertos a seguir:

Pßblica: O currºculo estadual, ele ¶ baseado na BNCC n¶? porque cada estado, cada municºpio, em cada secretaria ela vai `pegar¸ a BNCC, que ¶ a base nacional, e aº a gente vai adaptar ao currºculo, e a partir do currºculo estadual a gente faz o nosso plano de ensino (Entrevista).

Privada: Talvez eu n²o domine tudo, n¶, porque eu n²o a conhe´o toda, mas Æbvio que a gente j® conhece, porque precisa de se adequar a ela, n¶? Nos planejamentos, mas eu conhe´o o b®sico, vamos dizer assim (Entrevista).

Ambos os professores t¸m conhecimento da BNCC e utilizam por obrigatoriedade na elabora´²o de suas aulas, j®que ¶ um documento base para a elabora´²o dos curr°culos estaduais e municipais.

Neste momento, inicialmente entendemos que os professores conhecem a BNCC por necessidade de utiliza´²o dela nas escolas, para a regulamenta´²o do curr°culo da Educa´²o B®sica. Concluºmos isso pelo fato de eles n²o comentarem nada al¶m disso, ou seja, outros meios ou momentos que os fizeram ter contato com a BNCC, como por exemplo, na forma´²o deles ou curiosidade para a conhecer.

ApÆs sabermos que os professores conhecem a BNCC, passamos a question®los a respeito da BNCC e o ensino de L°ngua Inglesa no geral. Antes de perguntarmos a respeito da produ´²o oral especificamente. Nos excertos a seguir, os professores comparam o ensino de ingl¸s antes e depois da BNCC.

Pßblica: [...] quest²o de L°ngua Inglesa, eu o acho muito interessante, [...] tamb¶m com atividades bem transversais que ele coloca, tanto que os temas trabalhados que a gente tem na BNCC, geralmente quando a gente est®trabalhando em ingl¸s em determinada tem®tica, os meninos est²o estudando aquilo em ci¸ncias, sabe? Antes, assim, era muito solto. Ent²o a BNCC traz a possibilidade de voc¸ trazer tudo amarrado (Entrevista).

Privada: Com a BNCC, a maioria das escolas ca°ram para uma aula, porque, achando que teve que colocar as letivas e tudo mais, ent²o acabou sendo prejudicado. Apesar de eu discordar de algumas coisas, acho que ela ¶ importante para nortear, principalmente algumas questÞes, compet¸ncias e habilidades, n¶? Que, basicamente, ¶ o que ela restringe a° (Entrevista).

Na sequ¸ncia, o professor destaca que o ENEM afetou o ensino de L°ngua Inglesa:

Privada: Hoje, a gente fica muito preso por essa raz²o do ENEM. As escolas acabam priorizando muito essa quest²o da interpreta´²o textual/da compreens²o textual/da leitura (Entrevista).

Observamos que, ambos divergem sobre como a BNCC contribuiu apÆs sua chegada. O professor da escola pßblica afirma que ¶ um dos documentos pßblicos (pol°tica educacional) mais interessantes ao ensino de L°ngua Inglesa. Isso por proporcionar a comunica´²o simult°nea entre diferentes disciplinas. J®o professor da

escola privada inicia com o lado negativo da BNCC, pois com ela a carga hor®ria da L°ngua inglesa foi reduzida.

A partir disso, vemos que o professor da escola pßblica se mostra mais receptivo as mudan´as que a BNCC trouxe para o ensino, em compara´²o ao outro professor. O da escola privada se mostra bastante cr°tico e resistente a essas mudan´as, tanto que cita apenas os pontos que lhe desagradam, como a carga hor®ria que foi afetada pela necessidade de aplica´²o das eletivas na rotina escolar, tamb¶m que as compet¸ ncias e as habilidades acabam restringindo o ensino, mesmo n²o tendo explicado como essa restri´²o ocorre.

H®outro momento em que os professores divergem brevemente ao comparar o ensino de L°ngua Inglesa antes da BNCC. O professor da escola pßblica ressalta, negativamente, que antes o ensino era `solto¸ por n²o haver uma base de ensino a ser seguida. No caso do professor da escola privada, que novamente se mostra menos receptivo as mudan´as no ensino, lembra que antes os professores tinham mais liberdade, assim tendo mais flexibilidade para planejar as aulas.

Ainda, esse mesmo professor pontua que o foco no ENEM dificulta ter momentos de pr®tica da produ´²o oral em sala de aula, por isso influencia a pr®tica dos professores priorizando o ensino de compreens²o e interpreta´²o textual para executar o exame. Por¶m, Silva (2024) ressalta que mesmo que os exames nacionais, como o ENEM, foquem mais na interpreta´²o textual, os Par°metros Curriculares Nacionais (Brasil, 2000), ainda ressaltam que ¶ essencial que os alunos desenvolvam tamb¶m habilidade de fala em L°ngua Inglesa. Dessa maneira, o Exame Nacional do Ensino M¶dio n²o deveria afetar o ensino de L°ngua Inglesa, de modo que dificulte o ensino da produ´²o oral.

Contudo, identificamos que ambos os professores concordam ao apontarem que a BNCC ¶ importante para orientar as aulas. § um documento que possibilita que as aulas sejam melhor planejadas por eles e que o ensino de L°ngua Inglesa e outras disciplinas seja regularizado na Educa´²o B®sica.

Reconhecemos que os professores proporcionaram respostas relacionadas ao ensino de L°ngua Inglesa no geral. Com isso decidimos realizar uma nova entrevista

com os professores, especificamente a rela´²o da BNCC com o ensino da produ´²o oral, o professor da escola pßblica forneceu algumas respostas[5]. No excerto a seguir:

Pßblica: Ent²o, a quest²o da produ´²o oral n²o ¶ bem especificada. Na BNCC ela sempre traz a quest²o da oralidade, mas n²o coloca uma metodologia de trabalho fixada. Ent²o ela explora tem®ticas, explora alguns conteßdos gramaticais, explora a quest²o da l°ngua franca respeitando a diversidade da l°ngua.

Ainda sobre essa quest²o, esse professor afirma que:

Pßblica: Do ponto de vista da oralidade, a gente tem o eixo da oralidade, ¶ extremamente relevante o trabalho dentro das tem®ticas propostas em cada ano, principalmente do ensino fundamental. Ent²o a gente faz sim um trabalho baseado nessa perspectiva.

Percebemos que a BNCC n²o denomina como o professor deve ensinar a produ´²o oral nas aulas L°ngua Inglesa, mas possui o eixo da oralidade que explora tem®ticas e determina conteßdos que podem ser trabalhados em cada etapa da Educa´²o B®sica. Al¶m disso a professora ressalta que isso acontece principalmente para o ensino fundamental. Acreditamos que isso ocorre pela BNCC do ensino fundamental ser diferente da do ensino m¶dio, como esse mesmo professor apontou na entrevista: `A BNCC n²o tem as habilidades do Ensino M¶dio sÆtem para o ensino fundamental [...] pra o ensino m¶dio eu acho que fica muito aberta _.

Essa percep´²o corrobora com os autores Santos e Pereira (2024), apÆs discorrerem sobre os eixos organizadores e as unidades tem®ticas do ensino fundamental, relatam que `A etapa dedicada aos anos finais da Educa´²o B®sica apresenta um foco na prepara´²o dos alunos para o mercado de trabalho e para a vida em sociedade _. (Santos; Pereira, 2024, p. 15). Dessa forma, a BNCC do ensino m¶dio possui diferen´as, afetando suas orienta´Þes, em compara´²o com a do ensino fundamental.

Mesmo n²o sendo o foco da discuss²o principal nessa pesquisa, vemos que a BNCC no ensino fundamental e no ensino m¶dio pode afetar diferentemente as pr®ticas dos professores e consequentemente a maneira como v²o ensinar a produ´²o oral em L°ngua Inglesa.

[5]O professor da escola privada foi perguntado a respeito da rela´²o da BNCC e o ensino da produ´²o oral. Desconhecemos a raz²o de n²o termos obtido resposta.

Ao observarmos que o professor relatou que na BNCC a produ´²o oral n²o possui uma metodologia especificada, questionamos como se sente em rela´²o a isso. Posicionando-se no seguinte excerto:

Pßblica: O fato dela n²o trazer uma metodologia ¶ bom, porqu¸ a prÆpria BNCC visa a multiplicidade de metodologias. Ent²o a gente adequa da melhor forma que a gente acha, dependendo da turma e do momento.

Verificamos que esse professor percebe a BNCC como um documento, ao mesmo que ¶ obrigatÆrio ser seguido, que tamb¶m ¶ flexºvel para adapta´²o de metodologias e t¶cnicas de ensino, assim valorizando da independ¸ncia dos professores para desenvolverem aulas como achar necess®rio para suas turmas e seus alunos.

A BNCC n²o ¶ um documento que dita metodologias de ensino, ¶ um documento o que ¶ utilizado como uma base nacional para a Educa´²o B®sica, indicando as aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver. `Nesse sentido, a BNCC orienta a elabora´²o do currºculo especºfico de cada escola, sem que as particularidades metodolÆgicas, regionais e sociais de cada uma sejam desconsideradas._ (Gon´alves et al., 2020, p. 11). Dessa maneira, vemos que o professor da escola pßblica corrobora com essa considera´²o, ao apontar que a falta de uma metodologia especºfica para o ensino da produ´²o oral na BNCC ¶ algo positivo, pois proporciona liberdade de adapta´²o do ensino pela escola e pelos professores.

5 CONSIDERA¤ŭES FINAIS

Esta pesquisa tencionou a investigar as percep´Þes de um professor da escola privada e outro da rede pßblica acerca do ensino da produ´²o oral nas aulas de L°ngua Inglesa na Educa´²o B®sica brasileira (nas etapas do ensino fundamental e ensino m¶dio). Os dados foram coletados com a utiliza´²o de question®rio, respondidos virtualmente, e entrevistas semiestruturada realizadas presencialmente com cada participante.

Os resultados revelam que os professores concordam que a produ´²o oral ¶ importante no ensino de L°ngua Inglesa, mas apresentam razÞes distintas para ensinar essa habilidade. Tamb¶m concordam que atividades de intera´²o social s²o importantes para o desenvolvimento comunicativo dos alunos na l°ngua. Do mesmo modo, afirmam fazer corre´Þes pontuais dos alunos, por¶m possuem razÞes distintas para realizar ou n²o essas corre´Þes. Ambos professores tamb¶m concordam o desinteresse dos alunos, questÞes estruturais e o comportamento de turmas do ensino m¶dio, como dificuldades que afetam o ensino da produ´²o oral. Al¶m disso, concordam que a BNCC ¶ um documento importante para orientar o ensino de L°ngua Inglesa, entretanto, ambos divergem ao professor da escola pßblica afirmar que o ensino, que antes era :solto˘, melhorou. J®o professor da escola privada critica as mudan´as que ocorreram apÆs a implementa´²o da BNCC. Contudo, apenas professor da escola pßblica foi espec°fico com rela´²o a BNCC e a produ´²o oral, salientando a utilidade do eixo da oralidade da BNCC para o ensino da produ´²o oral e a import°ncia de o documento n²o ditar metodologias de ensino.

Destaco que apesar dos professores n²o terem sido objetivos ao responderem sobre a liga´²o da BNCC e o ensino da produ´²o oral, mas sim com a L°ngua Inglesa no geral, mesmo que tenham sido questionados. Ademais a an®lise demonstrou que ambos ensinam produ´²o oral com suas prÆprias t¶cnicas de ensino, independentemente da BNCC.

Enfatizo a import°ncia desta pesquisa para entender as percep´Þes sobre ensinar produ´²o oral e da utilidade da BNCC para professores de ingl¸s. Somado a isso, est²o as contribui´Þes pessoais e profissionais para a autora/pesquisadora e professora em forma´²o. Tais contribui´Þes proporcionaram reflexÞes sobre n²o

haver impossibilidade ensinar produ´²o oral nas escolas da Educa´²o B®sica, apesar dos desafios e dificuldades. Tamb¶m foi aprimorada a minha concep´²o sobre trabalho da produ´²o oral, por n²o est® presente apenas em aulas de ingl¸s completamente voltadas a esta habilidade, por¶m pode estar presente em pequenos detalhes e/ou agregada a outras habilidades, como a compreens²o oral, leitura e escrita.

Finalizo esta monografia sugerindo pesquisas futuras que possam buscar maior foco na rela´²o da Base Nacional Comum Curricular com o ensino da produ´²o oral em L°ngua Inglesa. Esta ¶ uma rela´²o que necessita de mais estudos, principalmente por a BNCC ser um documento normativo recente que provocou novas mudan´as na Educa´²o B®sica brasileira. Assim como falar ingl¸s ¶ o objetivo mais almejado pelos alunos que se interessam pela L°ngua Inglesa, dessa forma refor´o a necessidade de estudos sobre essa habilidade.

6 REFERNNCIAS BIBLIOGRΞFICAS

BECKER, Marcia R. Inteligibilidade da L°ngua Inglesa sob o Paradigma de L°ngua Franca: Percep´²o de discursos de falantes de diferentes L1s por Brasileiros. 2013. 256 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paran®, Curitiba, 2013.

BRASIL. Minist¶rio da Educa´²o. Base Nacional Comum Curricular. Bras°lia: MEC, 2017.

BRASIL. Minist¶rio da Educa´²o. Base Nacional Comum Curricular. Bras°lia: MEC, 2018.

BRASIL. Minist¶rio da Educa´²o. Par°metros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental; l°ngua estrangeira. Bras°lia: Minist¶rio da Educa´²o, Secretaria da Educa´²o B®sica, 1998.

BYGATE, Martin. Speaking. Oxford, UK: Oxford University Press, 1987.

CAMPOS, D¶bora Danielly Silva. Reflex²o e ensino do eixo oralidade em L°ngua Inglesa. Revista Cient°fica Semana Acad¸mica, Fortaleza-CE, v. 11, n. 235, p. 1-16, 2023.

CARDOSO, Gisele L.; MOTA, Mailce B.; SCHADECH, Tha°s S. Implementa´²o de tarefas orais em ingl¸s no ensino fundamental: Uma experi¸ncia. In: BERGSLEITNER, Joana M.; WEISSHEIMER, Jana°na; MOTA; Mailce B. Produ´²o Oral em LE: Mßltiplas Perspectivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

CELCE-MURCIA, Marianne. Teaching English as a Second or Foreign Language. 3ł ed. EUA: Heinle & Heinle, 2001.

GON¤ALVES, Bianca Siqueira; GON¤ALVES, Elias Rocha; GON¤ALVES JΩNIOR, Elias Rocha; SIQUEIRA, Regina C¶lia Albernaz; GON¤ALVES, Virg°nia Siqueira; MANHűES, Vin°cius Toledo. Base Nacional Comum Curricular: tudo sobre habilidades, compet¸ncias e metodologias ativas na BNCC: educa´²o infantil, ensino fundamental, ensino m¶dio. S²o Paulo: Editora Dial¶tica, 2020.

OLIVEIRA, Renilson Santos. LINHA DO TEMPO DA DIDΞTICA DAS LPNGUAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL. Non Plus, S²o Paulo, Brasil, v. 4, n. 7, p. 27¯38, 2015. DOI: 10.11606/issn.2316-3976.v4i7p27-38. Dispon°vel em: https://revistas.usp.br/nonplus/article/view/80013. Acesso em: 14 set. 2024.

SANTOS, Givanildo S.; PUNGARTNIK, Claudia. COMPREENSűO E PRODU¤űO ORAL EM LPNGUA INGLESA EM SITUA¤ŭES METAPRESENCIAIS: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. Revista CBTecLE, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 090¯114, 2021. Dispon°vel em: https://revista-cbtecle.cps.sp.gov.br/index.php/CbTecle/article/view/261. Acesso em: 21 mar. 2026.

SANTOS, Jardel Coutinho dos; BARCELOS, Ana Maria Ferreira. `N²o sei de onde vem essa timidez, talvez um medo de parecer rid°culo_: um estudo sobre a timidez e a de alunos de ingl¸s. Revista Horizontes de Lingu°stica Aplicada, [S. l.], v. 17, n. 2, 2018. DOI: 10.26512/rhla. v17i2.22627. Dispon°vel em: https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/22627. Acesso em: 16 set. 2024.

SANTOS, Josiane da Silva dos; PEREIRA, Rodnei. A base nacional comum curricular e a l°ngua inglesa: um estudo bibliogr®fico. Revista Interfaces, Suzano, v. 16, n. 13, p. 13-24, 2024.

SILVA, Ana Carolina Miguel da. The teaching of orality in Brazil: A reflection about the practice of orality through the lens of tecchers trained at UFPE. 2024. 19 f. Trabalho de Conclus²o de Curso (Gradua´²o em Letras Ingl¸s ¯ Licenciatura) ¯ Universidade Federal de Percambuco, Recife, 2024.

SILVA; Jefferson E.N. Modos de fazer da pesquisa acad¸mica: descri´²o de uma experi¸ncia em an®lise de materiais did®ticos de l°ngua italiana. Cadernos Neolatinos: Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 60-70, abril de 2017.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

1ª Parte

1. Qual a sua idade?
2. Qual a sua formação?
3. Em que ano você se graduou?
4. Há quanto tempo você ensina Língua Inglesa na rede pública/privada?
5. Você já frequentou cursos de idiomas? Se sim, durante quanto tempo? Concluiu o curso?
6. Você já teve experiência com a Língua Inglesa no exterior? Se sim, de quanto tempo foi essa experiência?

2ª Parte

1. Você pratica a produção oral em Língua Inglesa? Se sim, onde e com quem?
2. Onde e como você aprendeu a falar a Língua Inglesa?
3. Quando você era aluno de Língua Inglesa, os seus professores ensinavam a produção oral? Como? Você achava importante aprender a falar em inglês? Por quê?
4. Seus professores de Língua Inglesa corrigiam sua produção oral? Como?
5. Na sua opinião, qual a relevância do ensino da produção oral na aprendizagem da língua inglesa na educação básica? Por quê?
6. Ensinar produção oral na escola pública/privada é relevante? Por quê?
7. Você ensina produção oral aos seus alunos da educação básica? Por quê?
8. Se você ensina, você corrige a produção oral dos seus alunos? Como? Por quê?
9. Se você ensina, você usa material didático em sua sala de aula? Esse material possibilita o ensino da produção oral? Por quê?
10. Na educação básica, quais as dificuldades que você observa, como professor, ao ensinar a produção oral em Língua Inglesa?
11. Na educação básica, quais as dificuldades que você observa no aprendizado dos seus alunos com a produção oral em Língua Inglesa?

12. Na educa´²o b®sica, quais os fatores que influenciam negativamente e positivamente o ensino da produ´²o oral em L°ngua Inglesa?
13. J ®lecionou para turmas do ensino fundamental e m¶dio? Acredita que h® diferen´a para ensinar esta habilidade entre essas duas etapas?
14. J ®atuou em escolas pßblicas e privadas? Acredita que ¶ poss°vel aprender e ensinar L°ngua Inglesa e sua produ´²o oral em todas as escolas da educa´²o b®sica? Por qu¸ ?
15. Outra caracter°stica da produ´²o oral ¶ a intera´²o social, pois necessita de ouvintes e falantes. Qual sua opini²o em rela´²o a esta caracter°stica? H® pontos positivos e negativos?

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTA - PROFESSOR PΩBLICA

1Ł Parte

- ¿ Como surgiu seu interesse com a Lºngua Inglesa?
- ¿ Quando era aluno(a), achava que era importante falar em Lºngua Inglesa? Por qu¸ ?
- ¿ Ensinar produ´²o oral na escola pßblica/privada (educa´²o b®sica) ¶ relevante?
- ¿ Como voc¸ ensina produ´²o oral em Lºngua Inglesa para os seus alunos?
- ¿ O que seria corrigir a produ´²o oral dos alunos com cautela? Qual a importº ncia disso?
- ¿ Como o material did®tico que voc¸ utiliza auxilia no ensino da produ´²o oral?
- ¿ Fatores que influenciam negativamente e positivamente o ensino da produ´²o Oral.
- ¿ Por que ¶ mais difºcil ensinar produ´²o oral para ensino m¶dio do que para o ensino fundamental?
- ¿ Quais s²o os pontos negativos e positivos da intera´²o social no ensino da produ´²o oral?

3Ł Parte

- ¿ O desinteresse dos alunos e a falta de estrutura s²o dificuldades que se aplicam apenas para o ensino de produ´²o oral e ¯ disciplina de Lºngua Inglesa?
- ¿ H®outras dificuldades que afetam suas aulas de produ´²o oral?

4Ł Parte

- ¿ Como o `sentimento de incapacidade_ dos alunos afetam a aprendizagem deles? Observa outras dificuldades que afetam?

5Ł Parte

- ¿ Conhece a BNCC? Utiliza para planejar as suas aulas? Como?

¿ Observa mudan´as no ensino de L°ngua Inglesa e da produ´²o oral, ao recordar da ¶poca enquanto aluno(a) do ensino m¶dio, graduando e professor?

¿ Qual a utilidade da BNCC para voc¸ no ensino de L°ngua Inglesa?

¿ Qual sua opini² o em rela´²o ao ensino da produ´²o oral em L°ngua Inglesa no ensino m¶dio e fundamental, na BNCC?

ANEXO 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA - PROFESSOR PRIVADA

1Ł Parte

- ¿ Como surgiu seu interesse com a L°ngua Inglesa?
- ¿ Quando era aluno(a), achava que era importante falar em L°ngua Inglesa? Por qu¸ ?
- ¿ Disse que ano passado n² o estava ensinando produ´² o oral, por que n² o?
- ¿ Como voc¸ ensina produ´² o oral em L°ngua Inglesa para os seus alunos?
- ¿ Como o material did®tico que voc¸ utiliza auxilia no ensino da produ´² o oral? Que tipo de material ¶ esse?
- ¿ Fatores que influenciam positivamente o ensino da produ´² o oral na educa´² o b®sica.
- ¿ Ao citar os pontos negativos, foi citado a `falta de flexibiliza´² o_ na disciplina. Como ela ocorre?

3Ł Parte

- ¿ A quantidade de alunos, carga hor®ria, ambiente e falta de recursos s² o dificuldades que se aplicam apenas para o ensino de produ´² o oral e ¯ disciplina de L°ngua Inglesa? Como se aplicam?

4Ł Parte

- ¿ Disse que o aluno tem a ideia de que pode utilizar aplicativos se precisarem da L°ngua Inglesa. Como isso ocorre e que aplicativos s² o esses?

5Ł Parte

- ¿ Conhece a BNCC? Utiliza para planejar as suas aulas? Como?
- ¿ Observa mudan´as no ensino de L°ngua Inglesa e da produ´² o oral, ao recordar da ¶poca enquanto aluno(a) do ensino m¶dio, graduando e professor?
- ¿ Qual a utilidade da BNCC para voc¸ no ensino de L°ngua Inglesa?
- ¿ Qual sua opini² o em rela´² o ao ensino da produ´² o oral em L°ngua Inglesa no ensino m¶dio e fundamental, na BNCC?